

ACHEGAS PARA UMA BIOGRAFIA DE AMORIM DE CARVALHO

Amorim de Carvalho, de seu nome completo José Maria Caldas de Matos Amorim de Carvalho, nasceu numa casa, com o n.º 224, da rua da Senhora da Luz, na freguesia de São João da Foz do Douro, na cidade do Porto, aos 17 dias do mês de janeiro do ano de 1904, sendo baptizado na mesma freguesia a 28 de agosto de 1905. Era filho legítimo de Júlio Diniz Amorim de Carvalho (1872-1944)¹, natural do Pezo da Regoa, e de sua mulher Maria Cândida Caldas de Matos (1874-1944), natural do Porto; pelo lado materno, era bisneto do poeta António Pinheiro Caldas (1824-1877)².

Não pretendo dar uma biografia exaustiva de Amorim de Carvalho que poderá ser reconstituída a partir dos elementos de informação, numerosos e acessíveis, que se encontram no Arquivo, na Livraria Antiga e na Livraria Nova de autores da Família ou com referências à Família, da Casa que tem o nome daquele poeta e filósofo. Indicarei um certo número de factos, alguns deles ainda pouco ou nada conhecidos, e far-lhes-ei breves comentários que tenham interesse para a interpretação da vida e da obra da personalidade aqui biografada. De alguns dos factos aqui evocados, tomei conhecimento nos diálogos que entre nós se estabeleciam, nesse contacto estreito que com ele mantive.

Amorim de Carvalho foi o penúltimo filho duma numerosa progenitura³. O nome de baptismo – José – não era já pròpriamente tradicional na família. Que eu me lembre, é preciso subir à terceira geração para encontrar este nome num tio-avô, e até à quarta geração para o encontrar, de novo, em dois tios-bisavós. Não só a vontade da mãe em querer homenagear São José, mas talvez, também, o facto da criança ter nascido apenas dez meses e alguns dias depois da morte da sua bisavó Cândida Carolina Mourão (1827-1903), irmã de Jozé António Mourão (1824- 1909) – pertencentes a um ramo da família muito lembrado e enaltecido –, explicarão a escolha daquele nome. Mas o nome de Maria, junto mais tarde ao do baptismo, denota a vontade de invocar a Virgem como protectora do filho (como aconteceu, aliás, para com alguns dos seus irmãos). Estranho é, no entanto, para uma mãe católica convicta, e livre – que o era – de manifestar os seus sentimentos religiosos, o baptismo tardio deste seu filho: um ano e sete meses após a data do nascimento. Amorim de Carvalho explicava que o atraso em lhe ser dado esse sacramento, fôra motivado por uma alergia da pele que o afectara na altura do nascimento e que perdurara; é certamente esta a razão, mas não descortino, claramente, a razão desta razão. Foram padrinhos de baptismo, por procuração, José Pereira Pinto dos Santos e sua mulher, tia da criança, Maria Leopoldina Amorim de Carvalho, cujos nomes não creio terem influenciado a escolha do nome do afilhado.

A mãe deu-lhe a educação religiosa; foi com ela que a criança aprendeu e fêz as suas primeiras orações. Também o ensinou a ler, a escrever e a contar. Desta época da infância, guardou, para sempre, lembranças de infinita suavidade e recordações imperecíveis da mãe por quem ressentia um amor que raiava a adoração religiosa. Quando ela morreu – transe a que assistiu – cortou um anel dos seus cabelos que o acompanhou toda a sua vida, relíquia conservada na Casa Amorim de Carvalho. Em 1945, poucos meses após o desaparecimento da mãe, assim se exprime ele, ao dedicar à memória dos pais o seu livro sôbre Guerra Junqueiro⁴: « À memória inesquecível do meu querido pai, [...], com os olhos postos no exemplo da sua firmeza moral e do seu heroísmo na luta da vida; e à memória sagrada de minha santa mãe, [...], de quem colhi o derradeiro olhar e o derradeiro alento, na hora

suprema e última em que descri de tudo, para só crer no seu amor que nunca mais esquecerei».

O pai, farmacêutico, diplomado pela Escola Médica do Porto, foi proprietário, nesta cidade, de vários laboratórios e farmácias como, por exemplo, a Farmácia Nacional, na Senhora da Luz, na Foz do Douro, vendida já depois da morte dos pais; sua mulher herdara prédios no Porto, alguns deles na Foz, que foram vendidos em períodos financeiramente difíceis para a família que alternaram com fases de prosperidade durante as quais não houve demasiada preocupação em economizar, mantendo o numeroso agregado familiar existência, dispendiosa.

A vida escolar do futuro intelectual foi perturbadíssima, instável, já pelas dificuldades financeiras que – como disse – assoberbariam intermitentemente a numerosa família a que pertencia, já pelas mudanças constantes de residência (em parte motivadas por aquelas alterações económicas). Poucos vestígios ficaram desse período, durante o qual Amorim residiu ora em Matozinhos ora na Foz do Douro. O mar – em contacto com o qual viveu permanentemente desde a infância e durante grande parte da sua vida – exerceu poderosa atracção sobre a sua sensibilidade: o mar tempestuoso – tão frequente nessas costas, que ele fixou nalguns dos seus quadros e que palmilhava com imenso prazer desde a Boa Nova, em Leça, até à Foz do Douro⁵ –, aquele mar tempestuoso, lembro-me eu de o ver, em companhia de Amorim de Carvalho que (levando-me atrás de si) ia admirar as ondas furiosas que bramiam e chicoteavam os rochedos e os molhes da Foz com incrível violência. Esta sedução pelo mar durar-lhe-ia toda a vida: entre 1954 e 1963, acalentaria o sonho de comprar uma casinha « mesmo sôbre o oceano, nas Azenhas do Mar», na região de Lisboa, cidade onde então residia – mas foi um sonho irrealizado por falta de meios. Mais tarde, residindo já em França, alguns dos seus passeios preferidos seriam para aquelas costas de mar agitado, como as da Bretanha, da Normandia e do Norte do país⁶.

Outro lugar que também exerceu, no espírito de Amorim de Carvalho, uma fortíssima atracção, foi a casa do Muradal com as terras que a ela pertenciam e a região de Vale de Cambra, onde se situa aquela casa nobre que era, em parte, propriedade de Maria Amélia Coutinho Camossa Saldanha, mulher de Mário António, irmão de Amorim de Carvalho. Nessa Casa passou Amorim, ainda solteiro, largas temporadas: dela e da campanha próxima, guardou ele imperecíveis recordações sempre evocadas por ele com a maior saudade⁷. Como bem escreveu João Manuel Amorim de Carvalho Borges num excelente estudo genealógico⁸, a casa do Muradal foi fonte de inspiração para Amorim de Carvalho; cremos mesmo que o pouco que há em evocações rurais na poesia e na novelística deste escritor, vem quase exclusivamente de sua intensa vivência no Muradal, em Macieira de Cambra, casa e região que ele imensamente amou.

Não frequentou, como dizia, a escola, senão muito irregularmente. Mas estudou em casa e com afinco. Estudos secundários, não os concluiu, tendo no entanto adquirido conhecimentos de grego, e aprofundado o latim, o francês e o inglês, começando por possuir nesta língua uma preparação superior à da língua francesa: cedo se interessou pela literatura de expressão inglesa e, desde muito novo, pela obra poética, por exemplo, de Edgar Poë, de quem veio a traduzir *The raven*; a mais bela tradução deste poema para uma língua neo-latina é, sem dúvida, a de Amorim de Carvalho. Lia também correntemente o castelhano, o italiano, o provençal, o catalão e os dialectos neo-latinos medievais, inclusivè nas suas formas poéticas. Na instrução primária, frequentara (com seu irmão Álvaro) o Colegio da Beira-Mar (na rua Conde Alto Mearim, em Matosinhos), dirigido por José Teixeira Rêgo⁹ e, além de outros estabelecimentos de ensino, a Escola Anglo-Latina do mesmo José Teixeira Rêgo. Este pensador explicava ao jovem Amorim de Carvalho a significação do nome dado à Escola, pelo que, para ele, representavam as civilizações inglesa (de precoce liberalismo) e latina (na latina incluía a grega cuja cultura fôra assimilada, conservada e divulgada por aquela), sem as

quais – concluía Teixeira Rêgo – «não valeria a pena existir». Um dos primeiros aprofundamentos da sua cultura nos domínios científico e filosófico, recebeu-o, no entanto, Amorim de Carvalho na colecção «Bibliothèque de Philosophie Scientifique» cujos volumes – àvidamente lidos, serenamente meditados – lhe eram frequentemente emprestados por Teixeira Rêgo. Sem poder indicar datas com precisão, direi que será da época destas leituras o progressivo predominar, no futuro pensador, da língua e cultura francesa sobre a inglesa.

Mas seria por Bazilio Telles que Amorim de Carvalho iria, mais tarde, demonstrar a maior admiração intelectual e moral. Bazilio Telles apreciava dialogar com ele, porque ele «sabia ouvir», sendo esta atitude uma condição para o diálogo proveitoso e intelectualmente formador. É, no entanto, sobretudo, a admiração moral pelo escritor materialista, helenista, «anti-semitista intransigente», que tomou no espírito de Amorim de Carvalho uma dimensão muito especial. A referência ao carácter de Bazilio Telles, foi uma constante ao longo da existência, tanto em conversas como nos seus escritos. Há inegavelmente uma linha de filiação psicológica, moral e intelectual que vai de Alexandre Herculano, por Bazilio Telles, para Amorim de Carvalho¹⁰. Creio que essa admiração pela personalidade e pelo carácter de Bazilio, o marcou tão fortemente que contribuiu para reforçar a formação moral recebida dos pais e modelar o espírito de Amorim de Carvalho, determinando nele, naturalmente, a tomada de certas posições e atitudes: a valorização máxima da independência moral, da firmeza do carácter, dos sentimentos da honra e da honestidade intelectuais – sem o que, tudo o mais, inclusivè qualquer apostolado, como diz algures Amorim, redundará numa mistificação sem efectivo sentido de valor humano. Mas a admiração intelectual e moral pelo publicista e militante republicano impregnado de germanofilia, não resultou numa influência qualquer da obra de Bazilio Telles sobre o pensamento de Amorim de Carvalho – como uma análise superficial poderia erroneamente levar a afirmar.

Na adolescência, perde a fé religiosa. No entanto, em um ou outro trabalho seu, e em conversas, ao evocar, já na maturidade intelectual, a experiência mística, a fé ou a conversão religiosas, não as desvaloriza, obrigatoriamente, nelas mesmas¹¹. Defensor da pessoa, do individual humano, sustentou desde sempre a necessidade do respeito pela integridade moral e física do indivíduo, desde a concepção até, mesmo, depois da morte.

A formação inicial, nos aspectos político e social, poder-se-á resumir num republicanismo de tendência democrátizante e liberal, fortemente elitista. As pessoas que criavam o ambiente que directamente o envolvia mantinham, no entanto, uma atitude claramente crítica em relação ao funcionamento das instituições políticas portuguesas da época juvenil: o pai (que, dizendo-se «bazilista»¹², viu com bons olhos a regeneração e a pacificação surgidas do movimento de 28 de maio); o tio António Amorim de Carvalho (1870-? em Timor) (que, deputado à Assembleia Constituinte de 1911 e membro da maçonaria, ligar-se-ia a Sidónio Pais, embora nunca aderisse ao regime que sairia da Revolução Nacional de 1926¹³); e Bazilio Telles (favorável a uma ditadura revolucionária «para consolidar a República» – dizia-me Amorim de Carvalho). A massificação progressiva das chamadas democracias ocidentais, levou Amorim, mais tarde, a uma visão diferente, rectificadora da dos tempos da juventude¹⁴. Beneficiara Amorim de Carvalho de um relacionamento com familiares e amigos que alargaram significativamente o seu horizonte intelectual: desde o materialismo helenista de Bazilio Telles ao evolucionismo dum Teixeira Rêgo preocupado com a história das religiões e o metapsiquismo; do catolicismo sereno da mãe (neta do delicado poeta ultra-romântico, realista liberal, António Pinheiro Caldas, muito lembrado na família) ao bazilismo do pai; do monarquismo miguelista de Arnaldo Osório¹⁵ ao vigoroso militantismo republicano do tio António Amorim de Carvalho e às inquietações económicas e sociais de outro tio, Manuel Maria Caldas de Matos (1886-1933)¹⁶ que foi, até morrer, um dos familiares mais próximos, intelectualmente, de Amorim de Carvalho. Também encontrou ele um certo aristocratismo emburguezado nos Mourões-Caldas de Matos

(da ascendência materna) aliado ao burguesismo da família do pai. E talvez tenha ele herdado dos Amorins aquele vigor e orgulho anguloso – tão espanhóis – que manifestou na afirmação e na sustentação das suas ideias serena e sólidamente sistematizadas

Os primeiros escritos publicados, de Amorim de Carvalho, foram-no em jornais editados em Matosinhos, como «O Badalo», «O Piparote», etc.

Em 1927, publicou Amorim de Carvalho (com a ajuda financeira de Arnaldo Osório, seu grande amigo da juventude), o primeiro livro: *Bárbaros* (edição do Autor), colectânea de sonetos no gosto parnasiano, de temas exóticos, com prefácio de José Teixeira Rêgo, compostos em 1926; tinha o poeta 23 anos de idade. Os finais desta década e os começos dos anos 30 foram, para Amorim, um período de dandismo em que ele, de cabelos claros, pele branca e sardenta, usava bengala e se esmerava em pôr em relêvo o elegante recorte nórdico, anglicizado, do seu aspecto físico. Seriam ainda, em parte, vestígios da sua primacial atenção pela língua e cultura inglesa. Vinha, certamente, já desta época – e talvez até de antes – o seu anti-semitismo e arianismo: o que de melhor o homem realizou, foi-o pelos ramos ocidentais dos povos arianos – expressar-se-me-ia ele, posteriormente, mais ou menos, nestes termos. Esse arianismo (certamente inequívoco, que aparecerá, no entanto, mais em filigrana e em plano de fundo nas teorizações sociais e sistematizações filosóficas do que explicitamente valorizado) entra em aparente conflito com a atracção, puramente exótica, sensual ou poética pela mulher de côr (vid., por exemplo, o conto *A mulata*, o poema *Angolana*) ou por outras raças (vid. o poema *Paz*, e os sonetos de *Bárbaros*, já citados).

Apresenta-se incontestavelmente marcante, na sua obra, a valorização da cultura ocidental.

A partir da publicação do seu primeiro livro, poder-se-á considerar que a biografia de Amorim de Carvalho está estreitamente subordinada à realização da sua vastíssima obra – na criação poética, na teoria da estética, no pensamento filosófico – e, conseqüentemente, ao posicionamento que foi o seu no espaço cultural de expressão portuguesa e fora dele. Desde logo, sua obra poética, e a sua teorização estética com fundamentação científica e filosófica, apontavam para um pensamento filosófico sistematizado que posteriormente se explicitaria.

A obra amoriniana veio a adquirir, pontualmente, uma faceta polémica em oposição a uma pseudo-intelectualidade portuguesa sem preparação científica nem filosófica, de pensamento-massa, naturalmente de mentalidade gregária; faceta polémica (dizia eu) mas sempre fortemente teorizadora e sistematizadora, com a preocupação pedagógica dum pensamento positivo para a contenção da decadência do que se convencionou chamar o «modernismo», na literatura e na estética em geral; mas também, posteriormente, já na perspectiva filosófica, para a rectificação do que seria exposto pelo movimento auto-intitulado «filosofia portuguesa» que propunha teses insustentáveis para uma lúcida interpretação do processo histórico-cultural português.

Neste ambiente mental, Amorim de Carvalho confrontar-se-ia, persistentemente (salvo raríssimas excepções) com a metódica organização do silenciamento do seu nome, com a indiferença ou a hostilidade das redes apelidadas de culturais¹⁷ (casas editoriais, revistas, instituições privadas e públicas, fundações, etc.). Desde cedo se manifestaram os casos mais visíveis de hostilidade, como os das revistas «Seara Nova» e «O Diabo», de Lisboa, «Pensamento» e «Portucale»¹⁸, do Porto. Amorim de Carvalho era plenamente consciente do cerco que se lhe fazia. Escreverá ele muito mais tarde: «É inútil o leitor procurar nas antologias e nas histórias literárias e nos panoramas do meu tempo, o meu nome de poeta e crítico. [...] os historiadores da literatura e os pseudocríticos dos jornais fizeram calar ou esconder o meu nome. Amanhã elaborar-se-á o balanço sério de tudo isso»¹⁹. Em 1974, no prefácio à *Teoria geral da versificação*, Amorim de Carvalho, poderá afirmar: «[...] se pertenci à geração da «Presença», não pertenci à sua escola. Pelas formulações teóricas na crítica [...], aceitando as renovações – e renovando – [...] ([...] quando renovações

humanamente positivas e intemporalmente válidas, de actualidade permanente), eu fui, como poeta e como crítico, o mais manifesto opositor das teses da «Presença». Isto bastou para que me silenciassem e me ocultassem sistematicamente. [...] Que este fenómeno de longa duração tenha sido e seja também o de outros países, terá isso uma explicação na decadência generalizada afectando o pensamento ético, político, social, filosófico e estético [...] [favorável] aos medíocres [...]. Aqui o deixo exarado [...] com a serenidade quase impassível de indicar factos que já nem me dizem respeito, porque todos nós passamos e os factos ficam».

Desde a longínqua época da sua primeira colaboração em periódicos literários, nos anos 30 do século XX, vinha insistindo fortemente, o pensador, na necessidade do intercâmbio cultural ibero-americano, em moldes não sectários, como elemento de afirmação e defesa de um espaço étnico-histórico-cultural de primeira importância onde naturalmente se inseria o seu próprio país (cf., por exemplo, sua colaboração em «O Diabo», «Pensamento», «Portucale» e «Prometeu», e a orientação dada a esta última revista e à colecção «Estudos e críticas» por ele dirigidas).

Acção política, pouca teve Amorim de Carvalho, por razões explicadas no prefácio de *O fim histórico de Portugal*, Aderiu ao Movimento de Unidade Democrática (M. U. D.), que logo abandonou por recusar as manigâncias e os arranjos pouco claros adoptados nesse movimento dominado pelos comunistas, socialistas e seus comparsas. Assinou «um manifesto de «Tentativa de Conciliação Nacional» por ocasião de eleições (1953), redigido por Pedro Veiga, que foi impresso e é hoje uma raridade bibliográfica»; os signatários não obtiveram autorização para agir.

Amorim de Carvalho casara-se aos 18 dias do mês de dezembro do ano de 1943, na «Igreja Paroquial desta paroquia da Senhora da Conceição» (no Porto), com Ester Rodrigues (nascida nesta cidade, na freguesia do Bonfim, a 18 de fevereiro de 1914, descendente, por parte do pai, duma família transmontana de avantajados proprietários rurais na aldeia de Sapelos, concelho de Boticas²⁰; e, por parte da mãe, de famílias com origens em Vila da Feira e na Corunha, Galiza). Foi a instâncias da mãe de Amorim que a cerimónia se realizou segundo os preceitos da Igreja Católica; a noiva, que vinha duma família, pelo lado paterno, de oficiais do exército não praticantes (embora de tradição católica), fez-se baptizar alguns dias antes do casamento para tornar possível a realização do matrimónio católico, conforme o ardente desejo da sua futura sogra. Os recém-casados residiram, por alguns meses, na moradia que pertencia à noiva e à sua mãe, e que é hoje a Casa Amorim de Carvalho. Em setembro de 1944, o filho único do casal nasceria já na residência dos Amorins de Carvalho, na Foz do Douro.

Um facto curioso e de cariz lúdico. Nesta primeira metade dos anos 40, Amorim de Carvalho inventa o jogo de sociedade, e didáctico, que denomina *Dominògrama*²¹: excelentemente apresentado, com ilustrações de Cruz Caldas e instruções em quatro línguas (inglês, português, espanhol e francês), consiste em formar palavras cruzadas por meio de pedras tiradas à sorte por cada um dos jogadores. Realizado e comercializado pelo inventor, regista-o ele «na repartição [da Propriedade Industrial, em Lisboa] às 13 horas e 5 minutos do dia 7 de Dezembro de 1944. / A patente foi concedida por despacho de 14 de Agosto de 1945 e terá validade de quinze anos [...]». O registo da propriedade industrial foi pedido em Madrid e também, provavelmente, em França. Amorim de Carvalho desinteressou-se, no entanto, em breve, da exploração comercial do jogo que ele inventara. O *Dominògrama* é o antepassado directo dos diversos jogos do género *scrabble*, ou de palavras cruzadas, que proliferaram e, em formas espúrias, se abastardaram por esse mundo fora...

1953: o intelectual, agora com 49 anos de idade, abandona o Porto. Deixa a residência da família, na avenida do Brasil, n.º 835, em frente ao Molhe (Foz do Douro), onde vivera com a irmã, e dois irmãos e seus descendentes. Era o irmão mais velho, António Maria Caldas

de Matos Amorim de Carvalho que, sucedendo ao pai falecido em 1944, imprimia, agora, a tonalidade patriarcal à família. Nesse ambiente, no seio de uma grande moradia com vasto jardim, a vida dos diversos membros da família era regulada por uma organização tácita nos vários aspectos da existência quotidiana e pelo gongo metálico que, tocado por uma das criadas, lembrava a cada um que era chegada a hora pré-estabelecida das principais refeições²². A fonte de subsistência da família estava, por essa época, unicamente, na firma Amorim & Amorim, L.^{da}, sita à avenida Meneres, n.º 612, em Matosinhos, da qual eram sócios e gerentes estatutários os cinco irmãos ainda vivos. As quotas dos quatro irmãos mais novos tinham-lhes sido atribuídas por António Maria, dentro daquele espírito de solidariedade familiar e de responsabilidade herdado das gerações passadas — atitude aristocratizante essa, pouco ou nada compreendida e até regeitada, hoje, pela mentalidade individualista e materialista e pelos reflexos primários duma burguesia mercantilista, que se generalizaram.

Amorim de Carvalho fixa, então, domicílio em Lisboa, no bairro de Campo de Ourique, com a mulher e o filho, onde passou a viver modestamente, em parte da remuneração dos artigos, de alto nível intelectual, sobre assuntos filosóficos e de estética, que publicava em jornais lisboetas como o «Diário de Lisboa», o «Diário Popular», o «Diário de Notícias» e, mais tarde, também no «Cronista» onde colaborou, na redacção, com Alberto Xavier, director deste periódico. Tentara, no entanto, por outros meios, melhorar a sua precária situação financeira: requerera ele, em 1955, autorização oficial para leccionar, segundo o Estatuto do Ensino Particular, com fundamento na obra já realizada, como a lei exigia, — o que foi perfeitamente indeferido, tendo Amorim de Carvalho retirado o requerimento ao qual não se dera o seguimento legal²³.

Foi nomeado, por indicação de António de Cértima, para vogal do Conselho de Programas da Emissora Nacional de Radiodifusão, por Portaria de 18 de março de 1958 do Ministro da Presidência; na tomada de posse dessa função, Marcello Caetano afirmara, em conversa informal com Amorim de Carvalho, que esperava que aquela nomeação pudesse ser o começo de uma duradoura colaboração, e informara-o que Salazar lia com muito interesse os seus artigos publicados na imprensa lisboeta. Mas a indiferença do escritor para com as instituições políticas vigentes, a sua manifesta independência moral e intelectual, a rebeldia a aderir a gregarismos políticos ou a aproximar-se de *capelas* ou constituir grupos literários ou filosóficos — fizeram com que Amorim de Carvalho nunca beneficiasse de apoios duráveis: ao fim dos três primeiros anos de exercício (logo na primeira remodelação da composição do Conselho de Programas) perdeu aquela função e, conseqüentemente, a magra remuneração que auferia²⁴. «Em vão tentei procurar a possibilidade de viver em Portugal como homem de cultura — escreve Amorim de Carvalho, em 1975, no prefácio à sua obra *O fim histórico de Portugal* —. Concebi e apresentei vastos programas de actividade cultural (um dos quais foi mesmo publicado na minha revista «Prometeu») aos poderes públicos e a instituições privadas dispondo de recursos comparáveis aos do Estado. Sentia bem o meu direito de encontrar uma situação estável, trabalhando ao serviço da cultura da minha pátria. Os que alguma coisa prometeram, sinistramente faltaram à palavra»²⁵.

Fôra ainda Amorim de Carvalho o incontestável precursor da ideia da criação de um organismo cultural português no estrangeiro, sobretudo em Paris, defendendo essa tese, desde cedo, insistentemente, em diversos ensaios que publicou e em planos que apresentou, neles desenvolvendo profunda e original argumentação nesse sentido²⁶.

Em Lisboa, conviveu principalmente com Álvaro Ribeiro, Fidelino de Figueiredo²⁷, Manuel de Campos Pereira²⁸, António de Cértima, e menos assiduamente com numerosos outros intelectuais.

Ficou-me gravado na memória as longas conversas que Amorim de Carvalho mantinha com Álvaro Ribeiro, nas tertúlias, à tarde, nos cafés de Lisboa onde vinham juntar-se os escritores agregados a este filósofo que formavam o grupo que se auto-intitulou da

«filosofia portuguesa». Antes do jantar, dispersávamo-nos, uns partindo mais cedo que outros, e frequentemente Álvaro Ribeiro, Amorim de Carvalho e eu voltávamos a pé, para as respectivas moradas, continuando os dois filósofos²⁹, no caminho, a conversa interrompida. Lembro-me de ver, assim, reunidos à volta duma mesa de café, que nem sempre fôra o mesmo, além daqueles dois pensadores, José Marinho, Orlando Vitorino, António Quadros e outros. Nem sempre foi pacífica essa convivência.

Frequentemente, na casa de Fidelino de Figueiredo, aonde eu também o acompanhava, reunia-se Amorim de Carvalho com aquele pensador e com Fernando Pinho de Almeida, Antero de Melo Ribeiro, Romeu de Melo, Manuel de Campos Pereira, Joaquim Braga: o grupo era outro e outras eram as perspectivas filosóficas. Fidelino chegou a propor (após trocas de ideias com Amorim de Carvalho) a criação, com base nesse grupo, duma *Sociedade de Filosofia* cujos estatutos ele redigiria numas folhas de bloco-notas; tendo-me ele incluído como membro da *Sociedade*, pediu-me que transcrevesse esses estatutos no Livro para isso destinado – no qual se arquivariam, posteriormente, as respectivas actas; e assim o fiz com um natural orgulho, todo juvenil. O Livro, manuscrito, dos estatutos, conserva-se no Arquivo da Casa Amorim de Carvalho. A *Sociedade de Filosofia* não chegou a funcionar. Recordo-me, aliás, que Joaquim Braga não aderira ao espírito, no entanto aberto e arejado, sem imposição de monolíticas orientações, que animaria aquela *Sociedade*.

Desde 1962, era Amorim de Carvalho membro da Internationale Gesellschaft für Vergleichende Kulturforschung com sede em Salzburg, e da Société Européenne de Culture com sede em Veneza.

Em 1962 e 1963 desenrolou-se o caso Amorim de Carvalho v. Cunha Leão-Sociedade Portuguesa de Escritores, representando aquele filósofo os direitos da herdeira de Bazilio Telles. Após uma luta esgotante de Amorim de Carvalho em defesa de princípios morais elementares e da memória daquele notável publicista, a direc o da Sociedade (cujo secretário era um Manuel Ferreira) nomeou uma comissão jurídica (constituída pelos «escritores» Abranches-Ferrão, Mário Soares e Francisco Rebello) para tratar do caso; a comissão emitiu um parecer exemplarmente desleal e p rfido. Amorim de Carvalho viu-se, então, na obriga o de vir a público com este assunto, o que muito contribuiu para o definitivo descrédito daquela Sociedade, da qual ele, já, entretanto, se demitira de s cio³⁰.

Em janeiro de 1963, participa no I Encontro de Escritores de Angola, realizado em S  da Bandeira – ao tempo, próspera e agradável urbe, fundada pela raça branca, no interior daquela província ultramarina –, intervindo frequentemente nos trabalhos, onde expõe os seus próprios pontos de vista sobre a problemática da cultura, e da literatura de língua portuguesa, corrigindo ideias feitas ou definindo e precisando conceitos³¹. O conjunto formado pelas interven es de Amorim de Carvalho no referido Encontro e pelos estudos sobre literatura angolana incluídos nas suas *Obras reunidas*, constitui um dos mais notáveis estudos de avalia o estética da literatura da província de Angola, devendo ser consideradas aquelas interven es como a melhor contribui o levada aos trabalhos do I Encontro de Escritores de Angola.

O médico-psiquiatra Borges Guedes no *Ensaio de uma caracterologia social*³², estudando os caracteres somatofisiol gicos e a personalidade de Amorim de Carvalho, descrevia-o assim: «*Aspecto morfológico*: Brevil neo, estatura me , corpo franzino, segmentos proporcionados — cr neo com perímetro sobre o grande, tensões arteriais baixas, tendência às extrasístoles. Hipersensibilidade aos tóxicos, mesmo os alimentares. / Olhar vivo, penetrante, movei o que revelam algo de agressividade intelectual. / *Personalidade*: [...] alia as duas melhores qualidades para o conhecimento humano: a profundidade e a amplit o. / [...] avaliamos a facilidade do seu pensamento, a segurança do seu conhecimento, a sua sensibilidade poética, os seus ideais, embora sem fé, um p ssimista na constru o dum mundo melhor, desiludido dos homens, olha-os amargamente na pobreza dos seus ideais, na

mesquinhez do seu «materialismo», daí o seu estado de irritabilidade, a sua antiga atitude crítica um tanto cáustica. [...] / Orientado para o mundo do conhecimento numa avidez inquietante [...]. / Cultor feminino, lírico, tem da feminilidade a gratidão mais duradoira. Marido e Pai ideal. / Rígido, inflexível, leal, amigo firme é um construtor com ideais superiores, embora pèssimista. / *Biótipo*: Homo-Socialis (actual), Asténico-Pícnico (Kretschmer), Hipossuprarenal (Pende). [...] / [...] pertence àquela plêiade de Homens que nos devem servir de modelo pela integridade do seu carácter [...]

 (págs. 125-128).

Ainda no tempo de Portugal, em 1965 – com 61 anos de idade –, Amorim de Carvalho, desgostoso com o ambiente mental português, transfere a residência para Paris – antigo sonho acalentado, durante anos, pelo filósofo –, deixando o país ingrato onde vivera com absoluta independência intelectual, sem aderir a *capelas*, sem pertencer a *escolas* ou constituir gregarismos: o seu espírito era-lhes estranho. «C'est un exil définitif, il le sait, il suffit de lire le *Cantique à mon fils* [...] pour s'en convaincre; [onze] ans plus tard, lorsqu'il se verra mourir, Amorim de Carvalho refusera de rentrer au Portugal – refus qui prend tout son sens si l'on garde présente à l'esprit l'importance que ce poète attache aux symboles...»³³. Na capital francesa, em hotéis modestos, onde residia com a esposa e o filho, continuou no seu labor de filósofo – não abandonando, no entanto, a poesia de pensamento nem os estudos literários e de estética em geral. Uma das suas obras, escrita directamente em francês (*De la connaissance en général à la connaissance esthétique. L'esthétique de la nature*), foi apresentada (por autorização dada pelo Ministério francês da educação nacional com fundamento no conjunto da obra realizada pelo filósofo, esteta e poeta português) como tese de doutoramento na Sorbonne (1970)³⁴. Com aquela formalidade universitária, pretendia Amorim de Carvalho tentar obter, posteriormente, uma situação que lhe desse a segurança material que lhe permitisse viver com menos inquietações financeiras. Posteriormente e durante um limitado período, foi-lhe atribuída, pela Fundação Calouste Gulbenkian, uma ajuda financeira e bolsa de estudos, mas impondo, indignamente, uma e outra, múltiplas limitações, exigências, formalidades e condicionamentos a um intelectual consagrado como se fôra pessoa desconhecida.

Em Paris relacionou-se com alguns intelectuais franceses como, sobretudo, o iberista Jean Cassou, e o artista plástico, de origem húngara, Nicolas Schöffer.

Em julho de 1974, casa-se o filho. Passa a residir no apartamento que este adquirira com a sua ajuda, nos jardins da Colline de la Boissière, em Rosny-sous-Bois. No mês de agosto de 1975 nasce-lhe uma neta, Maria Ester. Em outubro do mesmo ano adoece. Presente que não viverá muito tempo. Vai a Portugal passar as festas do Natal e despedir-se da família. Na igreja de São Miguel de Nevogilde, na Foz do Douro, assiste ao baptizado da neta. Conformado (como ele mesmo me disse), e com toda a serenidade, morreu em Paris, no dia 15 de abril de 1976³⁵, na presença da sua mulher a quem dedicara o último livro citado. Não quisera morrer na pátria agonizante que ele considerou ter chegado ao seu «fim histórico» (como nação independente com sua significação no processo histórico). Fôra o único intelectual português que, em estudos com fundamentação objectiva, se opusera com tenacidade à política imposta ao país pelo golpe militar de 1974, à traição colectiva do exército e dos políticos, ao covarde abandono do Ultramar português³⁶.

Amorim de Carvalho está sepultado no jazigo de família fundado em meados do século XIX – no cemitério da Ordem de Nossa Senhora do Carmo, em Agramonte (no Porto) – pelo poeta e seu bisavô António Pinheiro Caldas, de quem ele foi o herdeiro espiritual.

*

Em 1947, escrevia Amorim de Carvalho num dos fascículos do periódico de que era o director: «Se à volta da Revista PROMETEU pode e deve formar-se um grupo, queremos que ele se forme na negação [...] do que em regra leva à formação dos grupos; isto é, queremos

que ele se forme adentro daquela realidade dos melhores valores». E afirmava, pouco tempo depois, na mesma revista, a sua atitude, «sem facciosismos», «marcando uma posição, mas reconhecendo as outras que legitimamente se apresentem; aceitando a polémica e a crítica esclarecedoras, mas com condição de a inteligência que discute ser garantida por uma força de carácter – sem a qual tudo redundaria numa mistificação». Pugnou por uma moralização da crítica, do pensamento estético e do pensamento filosófico: «O que eu exijo hoje é, na essência, o mesmo que exiji ontem: o reconhecimento [...] de um sentido de transépocalidade e de transnacionalidade de certos valores estéticos e filosóficos [...], na base de um esclarecimento crítico objectivo para a inteligibilidade do homem do nosso tempo, da História e das nações no espaço do Mundo»; utilizou métodos de objectividade que eram novos no espaço cultural de língua portuguesa, propondo uma estética objectiva (oposta a intuícionismos e impressionismos mistificadores), afirmando-se como a mais poderosa compleição crítica do país: «talvez em nenhum país – e contemporaneamente – o modernismo houvesse tido uma crítica tão constante, com objectividade, com fundamentação científica e com enquadramento filosófico» como a que sustentou em Portugal. «[...] Num país de lirismos críticos e filosóficos», «com falta de tradição filosófica» e científica, sem «eticidade de pensamento»; nesta «tragicomédia, num país em que o espírito tantas vezes tem resvalado por aí» – como se expressou Amorim de Carvalho em *Deus e o Homem na poesia e na filosofia*, – a sua obra teve de tomar, por vezes, como eu disse acima, aspectos nitidamente pedagógicos, expondo, conseqüentemente, o esteta e filósofo, as suas teorizações, as suas teses, o seu pensamento em estudos sobre as obras de outros autores.

*

Identicamente ao aspecto biográfico, o pensamento estético e filosófico de Amorim de Carvalho possui também características muito próprias³⁷. Toma particular relêvo o intenso labor reflexivo e criativo nos três domínios que são, como se sabe, o da criação poética, o da teoria da estética, o do pensamento especificamente filosófico: pela intensidade, vastidão e permanência da sua obra nesses domínios, apresenta-se-nos já Amorim como um caso único na cultura de expressão portuguesa.

A poesia. A mais elevada expressão da criação poética encontra-se na poesia de pensamento. Se considerarmos as «diversas características mentais que, no conjunto, definem as compleições poéticas criadoras de largas formas poemáticas ou de largo pensamento poético em que se refletem as eternas inquietações humanas e universalistas, e em que a poesia está intimamente ligada ao pensamento para atingir a ressonância épica ou filosófica de uma concepção do mundo e da vida», conferindo aos poemas (pelas temáticas e teses de universalidade humana) «o sentido de uma poesia mundial», posiciona-se Amorim, na continuidade de Camões, Antero, Junqueiro, Pascoaes, entre os cinco grandes poetas de expressão portuguesa. Em nenhum destes últimos, no entanto, a poesia atingiu tão alta densidade filosófica aliada à beleza formal como em Amorim de Carvalho. A poesia que, na definição amoriniana é a «ideia em idealidade», há-de conter um forte sentido intelectualístico e humano, – e é por aí que a sua obra poética surge fora do amesquinamento temático dos moldes modernistas, inclusivè através de conceptualizações, imagens, comparações dramatizadas de grande novidade. No âmbito daquela poesia de pensamento, Amorim traz uma originalidade incontestável e uma beleza nova à literatura. Foi nesse sentido que se expressou, insistentemente, em carta para Amorim de Carvalho, o lusitanista francês Georges Le Gentil: «J'ai été vivement frappé de l'originalité de la forme qui, tout en restant classique par la pureté et la limpidité, s'affranchit des règles trop étroites³⁸, calque le rythme sur le mouvement de la pensée et ne retient, pour conclure un mouvement, que des images éclatantes et entièrement neuves. [...] vous conciliez harmonieusement le respect que nous devons garder pour l'expression adéquate et pleinement intelligible avec les acquisitions les

plus vantées du symbolisme et du modernisme»; e, evocando o conjunto da obra poética amoriniana: «Vos poésies [...] me paraissent marquer une réaction nécessaire contre le subjectivisme étroit de l'école moderniste. Nous revenons, grâce à vous, à l'inspiration largement humaine qui assure le succès permanent de l'École de Coïmbre»³⁹. O poeta concilia o belo conceptual com o formal, através duma múltipla problemática filosófica (o *eu* e a morte, Deus e o mundo, o destino humano, o amor, o donjuanismo e o donquixotismo, o motivo social, etc.) intimamente ligada ao amor sexual entre homem e mulher num protesto veemente contra a angústia solipsística. Do valor dessa sua característica poética inovante, de grande beleza conceptual, de alto e intenso pensamento filosófico aliado ao sentimento do amor, Amorim era plenamente consciente. Ele o expressou no *Depoimento* redigido em Paris, em 1966; e o poeta veio a concluir um dos seus poemas com os seguintes dois versos compostos, no ritmo recitativo:

Porque o maior poeta do amor que em Portugal nasceu,
e dos maiores que nasceram sob a roda do Sol, – fui eu!...

– No aspecto formal, Amorim traz, para a poesia ritmada (e não apenas a de expressão portuguesa), novos ritmos que ele, com perfeita consciência técnica praticou (ritmos amorinianos) que dão à sua criação poética grande beleza formal. Por estes e pelos outros ritmos trabalhados pelo poeta, por ele sistematizados, Amorim é o mais notável ritmista de expressão portugues e de qualquer literatura⁴⁰.

A teorização estética. As avaliações e teorizações estéticas vão assentar no conceito de «actualidade permanente» em oposição à modernidade pela modernidade. E nessa perspectiva do homem de sempre, o esteta constrói uma teorização absolutamente inédita com todos os métodos de objectividade, com fundamentação científica e filosófica, «até hoje incontestada criticamente» (diz ele no *Depoimento* de 1966; e não me parece que tenha sido contestada, com argumentação válida, desde essa data). Para além dessa vasta teorização, a obra de avaliação estética amoriniana, utilizando abundantíssima e sistemática exemplificação e eminentemente comparativa, abrange o mais largo desenvolvimento não só em estudos de casos concretos (como os de Botto, Junqueiro, o romancista Manuel de Campos Pereira, Nobre, Pessoa, Torga, etc.) mas também em trabalhos de maior generalidade como, por exemplo, sobre o maneirismo na poesia portuguesa, o simbolismo, etc. Amorim apresenta a estética fundamentada na axiologia (teoria dos valores) conjugada com a psicologia geral humana em sistematização para a objectividade dogmática. – Também ele construiu, num domínio difícil como é o da óptica, a teoria da perspectiva, com fundamentação geométrica e sentido estético; estudou a relação entre a refração do campo físico tridimensional e o seu analogon bidimensional, condenando sem apêlo as opiniões que negavam o valor objectivo e universal da perspectiva. – Das múltiplas teorizações construídas por Amorim de Carvalho, não quero deixar de referir, ainda, a da simbolização (de grande importância para a teoria da estética), que, na obra amoriniana adquire grande aprofundamento. – Nestes brevíssimos tópicos do pensamento estético amoriniano, não se pode deixar de referir a versificação. Num contexto de confrangedora ignorância em assuntos de métrica (tanto em Portugal como no estrangeiro), irrompeu, nos anos 30, a personalidade ímpar de Amorim de Carvalho com os seus meticulosos estudos sobre o ritmo verbal, apresentando a versificação como ciência com suas leis e terminologia actualizada: inovação teórica impressionante, a partir do que o Mestre denominou «elisão rítmica». Os estudos amorinianos⁴¹, de extrema tecnicidade, resultaram, pois, na formulação das diversas leis do ritmo verbal ou do verso (que eu tenho denominado a faceta nobre da versificação) e no estabelecimento da «canónica das combinações heterométricas» para um bom acordo desses ritmos. O ilustre intelectual espanhol José Domínguez Caparrós afirmou num livro seu: «La obra de Amorim de Carvalho [...] tiene un valor incalculable como teoría general. El tratadista de métrica de cualquier lengua va a

encontrar análise [etc.]]. Honrando sobremaneira a cultura portuguesa, Amorim de Carvalho é, neste domínio do conhecimento, a maior – a melhor – referência mundial. – Todas essas teorizações amoriniana, no que o Mestre denominou o «conhecimento estético» ou «gnosestesia»⁴², vieram grandemente valorizar o pensamento português no contexto cultural do Ocidente.

O pensamento filosófico. Discutindo o problema da filosofia em Portugal, propôs Amorim de Carvalho uma «pedagogia filosófica» atenta à cultura científica que a validasse, divergindo profundamente do pensar com características descompassadamente místicas e de impulsos gregários. – Em resumo muito incompleto, direi que Amorim de Carvalho encontra lugar numa linha positiva, de forte informação científica, aberta à hipótese metafísica («positivismo metafísico» ou metafísica positiva), numa afirmação do psíquico e da consciência, do *eu*, como tese do real, através dum processo diateleológico em oposição à antítese do nada, antítese fora do real (mas postulada pela não instantaneidade da realização da tese) – antítese que é esse nada a que se opõe a máxima qualização do real, o *eu*, o psíquico conhecente. Dialéctica mononómica (de uma só tese, porque no real não pode haver tese antinómica) onde a consciência individualizada está garantida para a sobrevivência por sua própria qualização máxima (é uma hipótese), ou no eterno-retorno ficando a consciência garantida também no próprio retorno-eterno da realidade (segunda hipótese). – No pensamento positivo amoriniano, o real, finito no espaço, é eterno no tempo; rejeitando o subjectivismo kantiano, o filósofo português afirma a «transrealidade metontológica do tempo», pelo que ele é informulável (não medimos o tempo, mas os fenómenos que se passam no tempo). Espaço é noção de «correalidade» posta com a extensão do ser-sendo (incluindo o ser psíquico: nesta noção do ser psíquico espacializado, encontra-se uma oposição crítica ao cartesianismo). – O real apresenta-se em «fenomenologia imanente», «*in se*», e «fenomenologia transcendente», «*ex se*»: daí extrai o filósofo uma deslumbrante reflexão sobre a autonomia da realidade psíquica transcendente (todo o pensamento humano) relativamente ao imanente e transcendente mundo físico. – Na teoria das emoções, Amorim dá-nos a gnoseologia ou o conhecimento na forma emocional em seu processo para a desintegração desse conhecimento des-situado (emoção-choque) e a desconciencialização situada, uma e outra saindo do campo da integração (limites normais das relações gnoseológicas). Compreendendo, naturalmente, na teoria das emoções, a emoção estética, o filósofo veio dar à ciência psicológica uma significativa contribuição. – Os conceitos de liberdade e necessidade são estudados por Amorim que, excluindo o livre-arbítrio, define aquela como «a necessidade libertando-se da contingência»: a liberdade identifica-se com a realização disso que é ontologicamente necessário, que está na essência mesma do ser. – Na teoria da linguagem (sempre comparativa e crítica, de meticolosíssima análise, desmarcando-se substancialmente das teses da generalidade dos linguistas), o filósofo distingue a superdeterminação conceitual (palavra, «enunciado transcendente», essência mesma do psíquico conhecente) da subdeterminação linguística («polionímia», «polivalência sintáctica»). A teoria da linguagem vai naturalmente repercutir na teoria da traductibilidade do pensamento expresso pela linguagem, mas também na teoria da arte e das artes que o esteta divide em arte de «linguagem explícita» (literatura) e de «linguagem implícita» (as outras artes). – A sociologia amoriniana, que vem de longe (desde a publicação, na revista «Prometeu», da *Teoria do homem e da civilização*), formulou a teoria das elites (sem correspondente em Portugal), apelou para a sua intervenção na política, propôs a «organização das culturas nacionais» e a «revisão axiológica» dos direitos do Homem. A «axiocracia» amoriniana afastará, naturalmente, as pseudo-elites, as falsas elites, as elites decaídas (que o pensador identifica com clareza como promotoras de pensamento-massa) dos órgãos de decisão política e cultural. Note-se ainda em Amorim de Carvalho o conceito dual de cultura: «cultura de etnia» e «cultura de civilização», esta circunscrevendo, dissolvendo, anulando aquela no

longo processo histórico para uma afirmação do indivíduo, personalizado, no seio do grupo social. – Interpretando o sistema filosófico amoriniano, Jean Cassou pôde escrever que «La pensée systématique d’Amorim de Carvalho ne pêche nullement par excès d’abstraction. [...] elle aboutit à une conception esthétique de l’être: *il ne saurait y en avoir de plus absolument ontologique*» (sublinhei as últimas palavras do texto citado). – A sistematização da ontologia na filosofia de Amorim de Carvalho, contribui, sem dúvida, para posicionar o pensador como o mais significativo filósofo de expressão portuguesa.

*

A «arquitectónica didáctica» do seu pensamento, considerará que esse pensamento se manifesta já na poesia, se explicita e se sistematiza na sua teoria estética (onde se incluem os notáveis estudos de avaliação crítica literária), prolongando-se e afirmando-se nos trabalhos de reflexão filosófica propriamente dita – cuja originalidade e riqueza devem ser consideradas através duma avaliação objectiva do conjunto da vasta obra amoriniana.

Amorim de Carvalho foi um daqueles «hommes exceptionnels» (aos quais se refere Alexis Carrel em *L’homme, cet inconnu*) «capable d’acquérir une connaissance utilisable de plusieurs sciences à la fois», – e cujas «vastes synthèses [pelas razões que dá o sábio francês, e que foram também as do pensador português] demandent beaucoup de puissance mentale et une résistance physique à toute épreuve».

Amorim foi o mais acabado exemplo português do humanismo elitista e crítico, propugnando insistentemente, sem concessões desdignificadoras, pela claridade do pensamento.

Nesses diversos aspectos do conhecimento, a força analítica e sintética de Amorim de Carvalho, atinge intensidade argumentativa fora do comum. Personalidade invulgar, raro será encontrarmos noutros países um espírito tão intelectualmente sedutor como o de Amorim de Carvalho, através desse vastíssimo pensamento cuja riqueza temática (na intensa criação poética, na teorização estética e filosófica) se apresenta vigorosa e longamente sistematizada. Ainda que de meticulosa análise (como provou ser nas suas obras), a sua inteligência estava preparada, como se viu, para as largas sínteses.

Sua curiosidade universal, levou-o até ao desenho e a ensaios de pintura; e às artes gráficas, ilustrando e compondo algumas obras suas e diversos fascículos da revista «Prometeu». O gosto pelos antigos e belos livros fê-lo também bibliófilo, reunindo na sua biblioteca, apesar da modéstia das suas posses, alguns poucos livros de valor pelas características das edições ou pelos autógrafos neles existentes.

Forçoso é, pois, concluir que se Amorim de Carvalho não estivesse presente no panorama cultural, na história literária, no pensamento estético e filosófico da sua época, teria esse facto resultado num vazio incomensurável, numa depressiva e definitiva pobreza mental pela ausência de uma atitude, de uma faceta da inteligência que só ele haveria de sustentar ou preencher.

*

Na Casa Amorim de Carvalho, fundada no Porto, em 1981⁴³, conservam-se, devidamente repertoriados e catalogados, os livros da sua biblioteca (na Livraria Antiga), os seus manuscritos, desenhos e pinturas, numerosíssimos documentos que lhe dizem respeito, o arquivo genealógico da família e objectos diversos de interesse artístico, etnográfico, biográfico ou histórico. Nessa Casa foram depositados, por sucessivas doações de familiares, quadros, objectos diversos e documentos que de qualquer modo se relacionam com o pensador novecentista e sua família, sendo muitos deles relativos ao seu bisavô e ilustre poeta António Pinheiro Caldas de quem Amorim de Carvalho foi, e eu sou presentemente, o herdeiro espiritual⁴⁴.

Por decisão tomada na reunião camarária de 6 de maio de 1997, em homenagem póstuma ao ilustre intelectual, foi a Câmara Municipal de Matosinhos a que primeiro incluiu o nome de Amorim de Carvalho na toponímia do país, atribuindo-o a uma rua e a uma praça do concelho.

No ano de 2004, comemorou-se o 1.º Centenário do nascimento de Amorim de Carvalho. Nesta ocasião, entre outros eventos, realizou-se na Biblioteca Pública Municipal do Porto, por iniciativa conjunta da Câmara Municipal desta cidade e da Casa Amorim de Carvalho, o colóquio «Amorim de Carvalho – da poesia e estética ao pensamento filosófico» (onde treze comunicações foram apresentadas por universitários e escritores) e abriu-se ao público a exposição «Intimidades e ressonâncias – o poeta e filósofo Amorim de Carvalho» (composta por mais de duzentos volumes, documentos e objectos diversos pertencentes à Casa Amorim de Carvalho)⁴⁵. E, em reunião da Câmara Municipal de 13 de dezembro de 2005, foi aprovada a atribuição do nome de Amorim de Carvalho a um arruamento novo da cidade do Porto.

Com fundamento na portaria («arrêté») do governador civil («préfet») da Région d'Île de France et de Paris, datada de 3 de outubro de 2007, foi colocada nessa cidade, no Quartier Latin, na fachada do prédio que tem o n.º 52 da Rue Gay-Lussac, uma bela placa comemorativa em memória de Amorim de Carvalho, que assim reza: *Dans cet immeuble a vécu / de 1969 à 1974 / Amorim de Carvalho / poète et philosophe portugais / mort à Paris le 15 avril 1976.*

Agosto de 2024

Júlio Amorim de Carvalho

NOTAS

¹ O ramo destes Amorsins vem directa e recentemente do norte da Espanha, de uma família tradicionalmente católica, não tendo, portanto, qualquer parentesco conhecido com os Amorsins portugueses (judeus ou não). Os Carvalhos procedem de família também católica da região de Taboão, no Douro interior.

² O primeiro estudo genealógico estabelecendo a relação de descendência do poeta António Pinheiro Caldas para Amorim de Carvalho (aquele falecido e este nascido na Foz do Douro), foi a minha obra *Dois escritores portuenses. O poeta António Pinheiro Caldas e Amorim de Carvalho*, Casa Amorim de Carvalho, Prometeu, Porto, 2000. Os Caldas de Matos têm origens minhotas, e, como os outros ascendentes de Amorim de Carvalho, são também «legítimos e inteiros cristãos velhos e de limpo sangue», conforme terminologia utilizada nas inquirições *de genere*. – Observação de interesse biográfico: pela tradição familiar, pela sua intensa actividade intelectual (como poeta, esteta e pensador) durante a longa duração da residência na Foz do Douro, Amorim de Carvalho é o nome de maior relevo relacionado com essa zona da urbe portuense.:

³ Foram seus irmãos: Júlio (morreu menino), Arnaldo (morreu adolescente), António Maria (1898-1959), Mário António (1900-1984), Maria Alice (1902-1975) e Álvaro Maria Caldas de Matos Amorim de Carvalho (1905-1969): uma íclita geração, pela elevação moral e solidariedade familiar dos seus membros.

⁴ Vid. *Guerra Junqueiro e a sua obra poética. (Análise crítica)*.

⁵ Esta zona da costa portuguesa já pouco tem do aspecto que Amorim de Carvalho conheceu, e que eu também conheci, no tempo de Portugal. A partir da segunda metade da década de 70 do século XX, toda a marginal que vai da foz do rio Douro à capela da Boa Nova, tem vindo a ser barbaramente descaracterizada por um vandalismo urbanístico e arquitectónico de bradar aos céus! Em paralelo e em relação com esse deprimente condicionalismo urbanístico, de tremendo mau gosto, a região litorânea vê-se agora esvaziada das famílias tradicionais que, pouco a pouco, desde os meados do século XIX, haviam criado, sobretudo na Foz do Douro e em vasta porção da freguesia de São Miguel de Nevogilde, um meio social de grande qualidade num *habitat* preservado e muito específico. Foram-se afastando, assim, progressivamente, aquelas famílias, da transformada e cada vez mais incarácterística zona litorânea, sendo esta, a curto prazo ocupada, em grande parte, por uma população endinheirada, vinda *de fora*, alógena: população massificada sem valorizantes características sócio-culturais próprias. Enfim, uma catástrofe, uma tragédia demográfica, ecológica, estética e urbanística! Mas está bem certo que a degradada situação actual é essencialmente o resultado da conjunção de dois factores: a feroz avidez financeira de alguns representantes recentes daquelas famílias da Foz já decaídas, e a criminosa gestão urbanística dos autarcas do município portuense.

⁶ Mas também percorreu, em França, o Orléanais, a Touraine, o Poitou, o Limousin, a Guienne, o País Basco e a região de Lourdes. Privilegiou igualmente, em viagens ao estrangeiro, a Espanha, onde conheceu melhor, além da Galiza e do País Basco, a região de Madrid, a Catalunha e as Baleares.

⁷ Também eu pude ainda conhecer a bela rusticidade da casa do Muradal (com a capela privativa que lhe era adestrada), das terras que dela dependiam e do vasto vale circundante. Muito jovem, passei largas temporadas nessa casa nobre, em companhia de meus Pais, e delas guardei na memória imagens, sabôres, impressões tácteis, olôres, sons indeléveis: as vozes dos camponeses, o chiar doloroso das rodas dos carros de bois descendo ladeiras, os trabalhos na eira, o eterno som suave do correr da água fresquíssima da nascente para o tanque, o cacarejar dos galináceos assustados e sempre picorando pela entrada da vasta cozinha que dava para o passal — animado tudo pela alegre criadagem... A sobriedade e a solenidade daquela casa que dir-se-ia conservar intacta a antiguidade imemorial do espírito aristocrático da família que levantou o solar imponente; a animação rústica de que ela era o centro e a origem; o sereno e bellissimo bucolismo dos terrenos que lhe ficavam adjacentes, — tudo isso (que foi duma já longínqua época) vem como que numa desordenada cavalgada de alegres, vibrantes e vigorosas ou mornas e misteriosas sensações, assaltar a minha alma e prendê-la em indestrutíveis bastilhas de saudade.

⁸ *Maria Amélia Camossa Saldanha Amorim de Carvalho Borges. Seu percurso e contributo para a dimensão histórica da família*, ed. do autor, Porto, 2002.

⁹ Vid. jornal «O Badalo», Matosinhos, do n.º 559 (de 29 de dezembro de 1918) ao n.º 614 (de 18 de janeiro de 1920), nas págs. 2 dos números entre as datas citadas. Cf. a respectiva pasta das *Referências a Amorim de Carvalho (Recortes)*, no Arquivo da Casa Amorim de Carvalho.

¹⁰ Curiosamente, neles se nota certa maneira de vestir, sóbria, austera, exigente; e, conseqüentemente, uma apresentação sem adornos, de si para si e para a sociedade — o que subsume uma virilidade comum aos três intelectuais.

¹¹ Não sendo homem de igrejas, dizia-me no entanto, por vezes, Amorim de Carvalho sua intuição que o catolicismo-enquanto-instituição-social manter-se-ia, de qualquer modo, como derradeira defesa contra a barbárie.

¹² Existe na Biblioteca da Casa Amorim de Carvalho, um exemplar da obra de Bazilio Telles *A ciência e o atomismo. Continuação ao «Estudo» inserto no «Prometeu agrilhado»*, publicada em Lisboa pela sociedade editora Portugal-Brasil, com uma dedicatória manuscrita do autor ao pai do intelectual cuja biografia aqui retrazo: «Ao sr. Julio Amorim de Carvalho, agradecendo a sua bondade obsequiosa, off. B. Telles». É uma curiosidade bibliográfica. Quanto às estreitas relações de amizade que se estabeleceram entre Bazilio Telles e a família Amorim de Carvalho, vid., por exemplo, na revista «Portucal» (Porto, vol. IX, 1936, pág. 23), o artigo da autoria de Amorim de Carvalho intitulado *Bazilio Teles. Algumas notas sobre os últimos anos da sua vida e sobre a sua morte*. — Observação complementar. Já se pretendeu contestar a afirmação de Amorim de Carvalho segundo a qual Bazilio Telles, em seus trabalhos de análise e reflexão sobre problemas sociais, políticos e filosóficos, utilizara poucos livros de consulta. Lembremo-nos (além de tudo o mais, além das próprias indicações que, neste sentido, podem tirar-se da obra de Bazilio Telles) que o jovem Amorim de Carvalho conviveu duravelmente com este notável publicista, cuja residência frequentou, em certa época, quotidianamente, ou quase; e lembremo-nos também que talvez ninguém tenha mantido mais estreitas relações com Bazilio Telles, nos últimos períodos da sua vida, do que Amorim de Carvalho e seus familiares. Este pensador, evocando a figura de Bazilio Telles e rememorando as frequentes conversas com ele havidas, disse-me repetidas vezes que Bazilio sabia maravilhosamente, e com grande intuição, aproveitar as fontes de informação que se encontravam na parca biblioteca que possuía.

¹³ A título também de curiosidade bibliográfica, indicarei que na Livraria Antiga da Casa Amorim de Carvalho está catalogado sob o n.º de ordem 3960, um exemplar da obra de Eurico de Campos, que foi Inspector da Policia de investigação criminal de Coimbra, intitulada *Quem são os assassinos do Dr. Sidónio Pais? (Estudo de investigação criminal)*, Coimbra, 1919, com dedicatória do autor para António Amorim de Carvalho que assim reza: «Ao meu velho amigo Amorim de Carvalho. Um abraço do autor».

¹⁴ Vid., por exemplo, o depoimento retrospectivo de Amorim de Carvalho no prefácio à sua obra *La fin historique du Portugal*, de que já foram publicadas duas edições em língua portuguesa: *O fim histórico de Portugal*, 1.ª ed., Prometeu, Porto, 1977 (inteiramente subsidiada por José Pereira Herdeiro); 2.ª ed., Nova Arrancada, Lisboa, 2000. Nesta 2.ª edição, reuni diversos artigos de Amorim de Carvalho relativos à desastrosa situação criada ao país pelo golpe militar de 1974 — artigos esses que foram publicados no «Diário do Minho» (Braga), entre 3 de julho e 5 de outubro de 1974.

¹⁵ Vid. o artigo de Amorim de Carvalho: *Valores desconhecidos. A obra de Jorge de Loivos* [pseudónimo de Arnaldo Osório], «Diário da Noite», Lisboa, 6 de dezembro de 1932.

¹⁶ Vid. seus artigos *As falsas doutrinas, sobre a crise económica* publicados em «O Comércio do Porto», Porto, 25 e 26 de março de 1933.

¹⁷ Resultado da intervenção dos representantes mais em foco da «cultura intervalar» (Fidelino de Figueiredo): «falsas elites», «elites decaídas» ou «pseudo-elites» (Amorim de Carvalho) que se arvoravam em orientadoras de opinião duma e para uma «contre-culture» (Jean-Louis Harouel) utilizando as técnicas modernas da propaganda organizada, o elogio mútuo, a censura, etc. «Les avant-gardes [de pensamento-massa, gregário] se sont largement inspirés des méthodes révolutionnaires: noyautage, action sur l'opinion, techniques de prise du pouvoir» (*Culture e contre-cultures*, Paris, 2002, pág. 53). Neste ensaio (1.^a ed., 1994) aborda Harouel, em sua crítica à «modernidade» na arte e à «contra-cultura», diversas problemáticas que já desde os anos 30 do século transacto, foram objecto de atentas análises de Amorim de Carvalho.

¹⁸ Como nos anos 40, Amorim de Carvalho detinha ainda, na revista «Portucale» um meio em que podia expor publicamente as suas teses estéticas e filosóficas, – em 1946, se dará, no Porto, um acontecimento grave da vida literária portuguesa: foi o assalto àquela revista, narrado, com toda a clareza, nos dois primeiros fascículos da revista «Prometeu» fundada, efectivamente, por Amorim de Carvalho para «continuar a obra de cultura» do antigo e prestigioso periódico. O assalto foi perpretado por uma associação de malfeitores constituída pela «tríade»: Veiga Pires-João Pina de Moraes-Sebastião Pestana mancomunados com o gerente da tipografia que imprimia a revista, o que fazia uma verdadeira quadrilha. (Note-se que nenhum desses crápulas fez qualquer tentativa para, por si, contestar as acusações que lhes foram publicamente feitas por Amorim de Carvalho – pois bem sabiam, no íntimo, que seus actos eram, para uma sã consciência, moralmente condenáveis, e que, se esboçassem o menor arremedo de defesa, seriam derrancados e esfacelados pelo verbo justiceiro do impoluto fundador de «Prometeu»: vid. «Prometeu», Porto, vol I, págs. 3-16, 97-115, 195-196, 281-282; vol. II, pág. 56; vol. III, pág. 169). Disse-me Amorim de Carvalho ter ele a íntima convicção, por informações que lhe foram fornecidas, que fôra um «*mot d'ordre* da maçonaria» que desencadeara o assalto à «Portucale». O processo instaurado contra os espoliadores não andou para a frente, como frequentemente acontece por o queixoso não possuir suficientes meios financeiros para derretê-los numa acção judicial que se torna, muitas vezes, ronceira e desgastante – sabe lá Deus se, até, por influências subterrâneas!... Para que fique definitivamente claro no espírito dos leitores, aproveita-se a oportunidade para informar que – com excepção do nome de Amorim de Carvalho – todos os outros que aparecem nas capas de «Prometeu» são meras formalidades legais: «Prometeu» foi, de facto, material e espiritualmente fundada por Amorim; todos os artigos, notas e comentários não assinados (excepto os resumos em francês), ou atribuídos à redacção, ou assinados «A. de C.» e «F. L.» são da exclusiva autoria de Amorim de Carvalho. A revista «Prometeu» recebeu, pois, naturalmente a marcada coloração estética e filosófica que Amorim de Carvalho lhe imprimiu desde o primeiro número. Teve ela uma difusão quase mundial, desde a China à Europa e ao continente americano. – Por todas essas razões, *Prometeu* – palavra, símbolo e imagem – está, desde então, indissolúvelmente ligado ao nome de Amorim de Carvalho.

¹⁹ Vid «Prefácio» ao *Fim histórico de Portugal* e cfr. o *Depoimento para a história crítica do modernismo em Portugal*.

²⁰ Quando faleceu em 2002, Ester Rodrigues era já há muitos anos a única pessoa da família que possuía propriedades em Sapelos (vid. meu estudo genealógico : *Uma ilustre família de Sapelos*, «Revista Aqueae Flaviae», Chaves, n.º 49, novembro de 2014, págs. 157-202). Essas propriedades, que já pertenciam a antepassados da Ester desde o século XVIII, foram por mim aumentadas e beneficiadas com reflorestamentos sistemáticos, estando hoje adestradas à Casa Amorim de Carvalho.

²¹ Vid. os abundantes documentos existentes no Arquivo da Casa Amorim de Carvalho. Quanto à denominação do jôgo: bela palavra de formação híbrida (do lat., *domino* + *gramma*, do gr., «letra», «escrita»).

²² Nas longas refeições – em que cada um ocupava lugar certo à mesa e em cujas cabeceiras presidiam, num lado, o irmão mais velho do intelectual, e, no outro, a sua irmã – eram presentes, quase sempre, catorze ou quinze pessoas, mas frequentemente mais. Nunca, no entanto, se admitiu poder sentarem-se treze pessoas à mesa; não por superstição: é que se conservava assim a antiga tradição familiar lembrando a última ceia de Cristo onde, entre treze, houve um traidor. De tradição também, nunca se serviam lentilhas, alimento desprezível, reservado à gentalha sem rei nem roque, pois por elas vendera Isaú seu direito de primogenitura. De obrigação mesmo, é que se não consumia carne à sexta-feira, como mandava a Igreja. Nas grandes festas (no Natal e Ano Novo, nas recepções e bailes de máscaras do Carnaval, na Páscoa, com a visita do padre e a bênção da casa), a residência dos Amorins de Carvalho fôra ponto de reunião para os familiares mais chegados (como os Caldas de Matos) e para alguns amigos; os Matos Lobões vinham à Foz, nessas ocasiões, cumprimentar a família Amorim de Carvalho. São João, era para alegrar as mais jóvens gerações; lançavam-se grandes balões do quintal, que subiam até se perderem de vista ou para se incendiarem (como podia acontecer) nas alturas, à beira-mar. Esse ambiente festivo e patriarcal perdurou até à morte do meu tio António Maria, naquela noite do verão de 1959 em que acordei sobressaltado; o trágico acontecimento foi como que um manto de profunda tristeza caído irrevogavelmente sobre a família: durante as cerimónias fúnebres, fomos, nós as crianças, mandadas para a Quinta das Camélias, no lugar da Junqueira, em Vila do Conde. Era já o fim duma época.

²³ Este caso está descrito no romance *A teia da aranha*, Lisboa, 1962, pág. 27. Cf. documentos no Arquivo da Casa Amorim de Carvalho.

²⁴ Vid., no Arquivo da Casa Amorim de Carvalho, os documentos relativos às intervenções e aos trabalhos do ilustre intelectual no Conselho de Programas da Emissora Nacional de Radiodifusão.

²⁵ Referência, nestas últimas frases, sobretudo à Fundação Calouste Gulbenkian e ao seu presidente José de Azeredo Perdigão. Cf. documentos no Arquivo da Casa Amorim de Carvalho.

²⁶ Vid. *A expansão internacional da cultura portuguesa como função permanente do Estado* («Prometeu», Porto, vol. IV, 1951-1952), projecto que desenvolvia «um plano» «para a expansão internacional da cultura portuguesa» que, «com menos amplidão», fôra, «há já bastante tempo», apresentado por Amorim de Carvalho e Manuel de Campos Pereira «ao Governo» português (sendo, no entanto, também inteiramente de Amorim de Carvalho a concepção e a redacção deste plano mais resumido); *Como tornar válida no mundo a cultura portuguesa?* («Diário de Lisboa», Lisboa, 27 de fevereiro de 1956); «*Centre d'études et d'action pour la défense de l'homme*». Plano apresentado à Fundação Calouste Gulbenkian (maio de 1957); *A cultura portuguesa e os colóquios luso-brasileiros* («Diário de Lisboa», Lisboa, 2 de outubro de 1957). Um centro cultural português em Paris foi criado pela Fundação Calouste Gulbenkian (sem que o poeta e filósofo português tenha sido chamado para nele colaborar), funcionando, naturalmente, com espírito sectário, com base nas capelas dominantes.

²⁷ Quando Fidelino de Figueiredo recebeu convite da Knowledge Universal Foundation (U. S. A., Califórnia) «para se incumbir de um capítulo de vasta obra em preparação, *The New Prophets Speak for the Man*», aquele pensador, por «falta de saúde, [...] Tentou propor um substituto, mas a distante Fundação nem tomou conhecimento da proposta e insistiu no seu primitivo convite». A este respeito, escreveu Amorim de Carvalho: «O Prof. Fid. de Figueiredo disse-me, depois, que indicara o meu nome» como seu substituto, «e que o tornaria a indicar «se eles insistissem» (15-8-964)» (vid. Fidelino de Figueiredo, *Símbolos & mitos*, 1964, «Addenda», págs; 191-192, e nota manuscrita de Amorim de Carvalho na margem inferior de um exemplar conservado na Livraria Antiga da Casa Amorim de Carvalho). Este exemplar tem extensa dedicatória manuscrita de F. de Figueiredo para Amorim de Carvalho onde fez referência ao futuro autor destas *Achegas*: «A Amorim de Carvalho, espírito multimodo – poeta e romancista, crítico e philosopho, typographo e desenhador, polemista e pae dum pimpólho lembrado, / Com um abraço amigo. / Fidelino de Figueiredo / 2. VIII. 64.». A obra *Símbolos & mitos* abre o «Epílogo» (pág. 177) com um extracto do poema *Biografia* de Amorim de Carvalho.

²⁸ Amorim de Carvalho só veio a conhecer pessoalmente Manuel de Campos Pereira depois de ter concluído o estudo de avaliação estética *Campos Pereira – um romancista contemporâneo. (Análise crítica)* (ed. em 1947); e conheceu-o por iniciativa do romancista que fôra alertado pelo editor da obra amoriniana. É uma notável obra como técnica de análise literária. Sem, evidentemente renegar as teses expostas neste estudo, Amorim de Carvalho romperia, em 1964, as relações com Campos Pereira, por motivos explicados em notas manuscritas e evocados no seu belíssimo poema *Cântico ao meu Filho*. Cfr. livros e outros documentos respectivamente na Livraria Antiga e no Arquivo da Casa Amorim de Carvalho.

²⁹ Do grupo chamado da «filosofia portuguesa», Álvaro Ribeiro era o único que Amorim de Carvalho considerava como tendo estatura de pensador de mérito. Amorim tinha sincera amizade por esse intelectual da sua geração; amizade não completamente correspondida. Mas Amorim estava muito acima dessas animozidades... – Outro agregado à «filosofia portuguesa» foi Pinharanda Gomes que eu muito bem conheci: vi-o diversas vezes, era ele ainda novato e eu ainda mais, no escritório de Amorim de Carvalho, no apartamento do bairro de Campo de Ourique, em Lisboa. Foi Amorim de Carvalho quem redigiu o texto de apresentação de Pinharanda Gomes ao público culto do Porto, que foi lido por outrém nesta cidade. Tive ocasião de o encontrar e falar diversas vezes com ele; fiz uma ou duas rápidas buscas bibliográficas, em França, para uma ou duas obras suas. Assisti à sessão de seu doutoramento *honoris causa* na Universidade da Covilhã; a sua oração não foi feliz.

³⁰ No Arquivo da Casa Amorim de Carvalho, conserva-se uma importante colecção de documentos relativos a este caso e, mais geralmente, à miséria moral que imperava na Sociedade Portuguesa de Escritores que acabaria por ser dissolvida, meses depois, pela autoridade pública. Cf., também, o prefácio de Amorim de Carvalho à sua obra *O fim histórico de Portugal*.

³¹ Sobre as significativas intervenções de Amorim de Carvalho neste Encontro, consulte-se o volume seguinte: *I Encontro de escritores de Angola realizado em Sá da Bandeira, de 19 a 27 de janeiro de 1963*, Sá da Bandeira, 1963, págs. 1 da capa (fotografia), 37, 39, 40, 106, 124 (fotografia), 127 (fotografia), 150, 165, 166, 185, 221, 225, 226, 228, 230 a 232. Cf., também, outros documentos no Arquivo Casa Amorim de Carvalho, e o artigo da autoria de Amorim de Carvalho *No I Encontro de escritores de Angola*, «Diário de Notícias», Lisboa, 28 de fevereiro de 1963.

³² *Ensaio de uma caracterologia social. Reacção biotípica. (Na doença, no crime, na psicopatologia e na vida social)*, Porto, 1957.

³³ Catherine Axelrad, *Écrire comme Goya : Amorim de Carvalho*, in «Nouvelle Revue Française», Paris, n.º 477, outubro de 1992, pág. 74.

³⁴ Tese defendida perante um júri constituído por Jean Cassou, Étienne Souriau e o kantiano Mikel Dufrenne. A obra foi publicada em livro pelo editor parisiense Klincksieck, em 1973 (ed. subvencionada pelo Instituto de Alta Cultura, de Lisboa).

³⁵ Soubera já que estava para nascer seu segundo neto que, sendo menino, receberia, como recebeu, o nome de seus avós: José Nilo. Só muito depois da morte de Amorim de Carvalho nasceria o seu terceiro neto: Alexandre Miguel.

³⁶ Vid. a 2.^a edição portuguesa, publicada em 2000, do livro *O fim histórico de Portugal*. No original em francês desta obra (*La fin historique du Portugal*, cap. IV *in fine*), a respeito não só dos calabares que fizeram o golpe militar de 1974 e dos que se lhes associaram, mas referindo-se também aos outros que, *de facto*, o aceitaram, escreveu Amorim de Carvalho: «En réduisant abruptement le Portugal à un petit territoire dans la Péninsule Ibérique, en lui arrachant le monde géographique de sa mission culturelle et civilisatrice, les militaires traîtres ont provoqué le traumatisme national de sa démission *historique*, la fin de son existence *historique*, en bref la *fin historique* du Portugal. / Plusieurs partis politiques portugais se sont pleinement associés à la trahison: les partis communistes et le parti socialiste. Ils doivent être dûment stigmatisés. D'autres partis se sont pratiquement tus devant cette trahison: ils doivent être aussi dûment appelés au jugement de l'Histoire».

³⁷ Vid. minha conferência: *O significado do pensamento estético e filosófico de Amorim de Carvalho*, pronunciada em 2 de junho de 2023, no Porto, impressa e divulgada por iniciativa de Joaquim Pinto da Silva. Extrairéi dessa exposição os substanciais elementos que me permitirão fornecer, aqui, sem mais delongas, uns tópicos do pensamento amoriniano.

³⁸ Le Gentil teve, aqui, a intuição da renovação rítmica de Amorim de Carvalho, provavelmente atraído ou perturbado, sobretudo, pelos ritmos compostos e a heterometria amorinianas, respeitando, aqueles e esta, as leis das relações matemáticas e dos versos elementares – sem que o escritor francês, pudesse, no entanto, entender plenamente a teoria métrica do esteta português.

³⁹ Vid. in «Cadernilhos da Casa Amorim de Carvalho», n.º 2: Júlio Amorim de Carvalho, *Três cartas de Georges Le Gentil para Amorim de Carvalho*, Porto, 2015. Os originais das cartas conservam-se no Arquivo da Casa Amorim de Carvalho.

⁴⁰ Vid. *Obra poética escolhida*, organizada, em 6 vols. por Amorim de Carvalho.

⁴¹ Escreveu Amorim de Carvalho, em 1974, no prefácio à *Teoria geral da versificação*, já há muito concluída: «Este livro não é o fruto apenas do meu estudo vivido das obras dos outros poetas; é também o fruto da experiência vividíssima da minha própria criação [poética]»; Referindo-se ao conjunto dos seus estudos, não exita em afirmar que não encontrou noutros autores – com excepção de uma, mas incorrectamente formulada – nenhuma das leis por ele enunciadas em seus trabalhos sobre ritmo verbal na poesia. E tudo isso, diz o Mestre, «num porfioso e verdadeiro trabalho laboratorial», fazendo experiências com versos, compondo versos experimentais, alterando-lhes a estrutura interna, etc. – A *Teoria geral da versificação* foi dada por Amorim de Carvalho como pronta, no essencial, desde 1934: cf., da minha autoria, *Amorim de Carvalho. No 1.º centenário do seu nascimento. (Síntese biográfica). Uma bibliografia sobre versificação* (primeira e desenvolvida bibliografia crítica dos estudos de Amorim sobre versificação, publicada em «Rhythmica. Revista espanhola de métrica comparada», Facultad de Filología, Sevilla, ano II, n.º 2, 2004) e *Nos 80 anos dos primeiros escritos sobre versificação. A teoria do ritmo verbal na obra de Amorim de Carvalho. Bibliografia crítica precedida de uma síntese biográfica* («Finis Mundi. A última cultura», Amadora, n.º 3, agosto-setembro de 2011).

⁴² Chamo a atenção para os estudos amorinianos sobre os difíceis assuntos que são o gosto e o belo na arte em geral (vid a obra: *De la connaissance en général à la connaissance esthétique. L'esthétique de la nature*, em sua terceira parte).

⁴³ A Casa Amorim de Carvalho, fundada pelo autor do presente estudo, está instalada num prédio tradicional do Porto que pertenceu ao tenente António Rodrigues (1882-1938) e a sua mulher Ilda dos Santos Dias (1894-1981), e, posteriormente, à sua filha Ester Rodrigues, esposa de Amorim de Carvalho, falecida em 2002; aquela Casa é, hoje, propriedade de Júlio António Rodrigues Amorim de Carvalho, filho único deste último casal.

⁴⁴ Note-se, no entanto, que uma sobrinha de Amorim de Carvalho – Maria Alice Camossa Saldanha Amorim de Carvalho — recusou-se, demonstrando nisso ingratidão pela memória do tio, a ceder à Casa Amorim de Carvalho, os quadros de que se apropriou (por absurdos e ilegítimos enredos sucessórios abonados pela legislação burguesa) e que são, uns, da autoria de Amorim de Carvalho (que, em parte, se perderam), sendo os outros, retratos do poeta António Pinheiro Caldas e de membros da sua família. Um dos retratos de Pinheiro Caldas era mesmo dado como pertencendo a Amorim de Carvalho, em documento manuscrito de Carlos de Passos (documento conservado no Arquivo da Casa Amorim de Carvalho) que assim reza em seu último parágrafo: «Esta miniatura, rigorosa de côr, está hoje na posse de Amorim de Carvalho» (cf., da nossa autoria, *Dois escritores portuenses. O poeta António Pinheiro Caldas e Amorim de Carvalho*, Porto, 2000, nota 36, págs. 46-47). Este último retrato deve ter-se perdido; os outros foram parar às mãos de familiares, perdendo o significado que poderiam ter na Casa Amorim de Carvalho. – Mas outros familiares tiveram o bom senso de

doarem à Casa Amorim de Carvalho múltiplos documentos, cartas, quadros, importante iconografia familiar e objectos diversos. O escritor Pedro Baptista doou à Casa, cartas de Amorim de Carvalho para Pedro Veiga. Alguns mais escritores e amigos doaram livros com dedicatórias manuscritas de Amorim de Carvalho ou de outros autores. – Nota complementar bibliográfica: para a história da biblioteca que pertenceu a Amorim de Carvalho, é imprescindível consultar, na Livraria Nova da Casa Amorim de Carvalho, os *Comentários, evocações e pensamentos*, da minha autoria, onde se indica a origem de diversas obras que integraram, em diferentes momentos, a biblioteca amoriniana.

⁴⁵ Tomou a Câmara Municipal do Porto a resolução de apoiar e promover estas comemorações centenárias. Quis ser o organizador e coordenador do acontecimento – João Borges, de seu nome completo João Manuel Amorim de Carvalho Borges, espírito vigoroso e brilhante; homem de sensibilidade marcadamente aristocrática, pelo gosto requintado, pela fôrça de vontade e firmeza de carácter, pela ligação afectivamente intensa à família na sua mais transcendente significação. Amorim de Carvalho tem nele um sincero e lúcido admirador; e um dos mais leais e eficazes defensores da sua memória: neste sentido, a calorosa acção deste sobrinho-neto do filósofo, é ímpar e comovente.